



ESPETÁCULO

Índio ri: "Som de branco parece de lobisomem"

Festa caraíba no Xingu, com balé e Gismonti

Ana Maria Bahiana

Quarenta e cinco minutos antes de chegar ao posto Leonardo Villas-Boas — 800 km a noroeste de Brasília, nas cabeceiras do rio Xingu —, o pequeno e ronronante Islander "Krao" da Funai sobrevoa a fazenda. Percebe-se primeiro que é a fazenda, pela firmeza de suas trilhas, em ângulo reto, precisas, contrastando com as picadas sinuosas que, de vez em quando, cortavam o cerrado do planalto entre uma aldeia e outra; depois, vê-se a sede: ampla, comprida e senhorial como uma oca de chefe. Na ida, assim do alto, a fazenda parece só isso: um acidente na paisagem, um ponto escuro no pardo da planície, um derradeiro toque de mão branca. Não se dá nem importância à fazenda, porque

se está indo para o posto Leonardo com vistas a outras coisas: uma insólita apresentação de balé para uma platéia composta exclusivamente de índios, cerca de quatrocentos entre representantes de nove tribos do Parque Nacional do Xingu e pequenos grupos de visitantes extraparque — xavantes e txucarramaês.

Mas, a partir do instante mesmo em que o Islander toca a pista de terra batida e o colorido e sorridente comitê de boas vindas vem repetir "Bom dia" e "Como chama seu nome?" no caminho para o posto, a presença da fazenda começa a se tornar forte, insinuante, inesquecível. Os caraíbas (brancos) mansos dançavam pela primeira vez no coração do Xingu. Mas, lá fora, a alguns minutos dali, estava — invasora, ameaçadora, devoradora — a fazenda.

Oprimidos. "Mas essa dança que vocês vão fazer é de quê?" (Um índio kalapalo a um bailarino). A idéia de

fazer um espetáculo de balé para os índios partiu do próprio grupo Stagium. Explica a líder e fundadora da companhia, a húngaro-brasileira Marika Cidali: "Desde que o Stagium surgiu, há seis anos, nós temos feito isso: procurado pessoas a quem a gente possa levar coisas, dar, trocar. Já rodamos cada pedacinho desse Brasil todo. Faltava apenas dançar para uma platéia: o índio".

Moradora do posto há cinco dias, desde 31 de agosto, Marika já é chamada de "mãe" por sua futura platéia. Sentada no chão, ela observa o acampamento kalapalo em atividade: as mulheres fazem beiju, os homens voltam do riacho, limpam os peixes. Os olhos de Marika estão cheios de lágrimas. "Já dancei para gente pobre, miserável, gente que não tinha nada a não ser seu trabalho. Quando eu desci do avião e os índios vieram falar comigo, me pegar, eu pensava que já sabia como era. Mas era muito diferente. Era uma coisa muito mais pesada. Era a constatação de que estamos todos no mesmo barco e de que somos todos oprimidos — eles de um jeito, aqui, nós de outro, lá".

"Altura do sol". A concretização do sonho de Marika e Décio Otero — o outro líder do Stagium — veio com o auxílio do Projeto Trindade, em primeiro lugar, e da Funai, depois. Idealizado pela cineasta Tânia Quaresma



O balé Stagium e Egberto Gismonti mostram aos índios que música de caraíba não é só sanfona e Roberto Carlos. O show no Parque Nacional do Xingu, no último fim de semana, teve também Mahler, Duke Ellington e Ernesto Nazareth



FOTOS: TRINDADE PRODUÇÕES

— saída de experiência do documentário *Nordeste: Cordel, Repente, Canção* — e pelo cantor, compositor e músico Luís Keller — ex-conjunto Brazuca, voltando ao Brasil após um exílio voluntário de seis anos —, Trindade é um projeto ambicioso, destinado, em primeiro lugar, a chamar a atenção para o músico brasileiro.

Com verbas doadas em caráter de patrocínio pela VASP e Banco do Brasil — “mas sem nenhuma interferência na criação” —, o projeto está gravando temas de diversos instrumentistas e ilustrando, cada um, com imagens a ele ligadas. O resultado final — previsto para março/abril de 1978 — será um filme, *Trindade: Curto Caminho Longo*, uma série de LPs, outra de *shows* e um livro, com os perfis de todos os músicos participantes.

Como a participação de Egberto Gismonti seria seu tema de raiz xinguaná *Conforme a Altura do Sol/ Conforme a Altura da Lua*, e como o balé também devesse participar do projeto,

o círculo se fechou: o Stagium dançaria *Altura do Sol* no Xingu, para seus habitantes, diante das câmeras. Consultada a Funai, a proposta foi encaminhada a quem de direito: à futura audiência. Com o auxílio de Kanato, índio yamalapito que já faz parte do pessoal do posto Leonardo, os convites foram feitos.

Perigo. “A maior parte dos chefes reagiu com imensa curiosidade”, explica Olímpio Trindade Serra, diretor do Parque Nacional do Xingu há dois anos, em substituição a seu amigo Orlando Villas Boas. “Alguns perguntaram se seria dança de par, com sanfona, ou seja, se seria como uma festa de peões de fazenda, que é a única dança de branco que muitos deles viram. Então nós dissemos que não, que era uma dança diferente, uma dança que caraíba manso fazia num lugar especial para outros caraíbas verem. Aí os chefes ficaram mais tranquilos, e muito curiosos.”

Mas não haveria um perigo de uma exibição de balé perturbar a unidade cultural dos xinguanos? Olímpio pensa demoradamente antes de responder. “É, um risco sempre existe, o perigo de eles ficarem fascinados com a tecnologia, com aquilo que é estranho e novo para eles. Houve uma exibição de pára-quedismo, por exemplo, que impressionou muito. Pudera, homens voando, caindo dos céus... Isso impressiona qualquer habitante do interior, imagine os índios. Cabe a nós, justamente, atuar minimizando os efeitos desses contatos, colocando-os em sua devida perspectiva. O excelente, para nós, seria se eles chegassem à conclusão de que sua própria dança é mais bonita e melhor que a dos caraíbas.”

Críticas. “Xavante respeita muito quem faz música. Quem faz música é quem traz alegria pro povo.” (Sereninbru, líder e principal cantor/músico xavante).

Bonitos, enfeitados, emplumados, pintados, formais, com os chefes na frente, em seus bancos especiais, e o povo atrás, agrupado por tribo, eles se reuniram duas vezes em torno da clareira de chão batido na tarde do dia 1, e na manhã do dia 2: ao fundo, a maloca dos hóspedes. Ao lado, sob uma árvore imensa, o acampamento kamayurá. Em torno, as duas câmeras do Projeto Trindade — uma 35 mm e uma 16 mm —, operadas por Tânia Quaresma e Gilberto Otero. No centro, o Stagium: pés no chão vermelho, lutando com as formigas, as malhas brancas, logo cor de terra, poeira e pedras caindo nos olhos uns dos outros. No repertório, além de Egberto e uma coreografia onde se buscava “resumir a forma louca de viver e a forma de amar das pessoas da cidade”, Mahler, Wagner, Duke Ellington, Ernesto Nazareth e Cármen Miranda.

A platéia: atenta, muda, olhos pregados em cada movimento. O primeiro espanto tinha sido nas práticas diárias que o balé fazia num alpendre dando para o riacho cerrado; a cada exercício mais complexo choviam os gritos de saudação e as crianças chegavam, pedindo: "Ensina a torcer perna?". No espetáculo em si, os murmúrios corriam por conta do *pas-de-deux*: os homens apontavam, as mulheres cobriam o rosto às gargalhadas. Na cultura xinguana, Olímpio explicou, homem não dança com mulher. No fim das contas, o número mais aplaudido dos dois espetáculos ficou sendo *Bamboleo*, cômico, chegado à pantomima. Muito depois, um grupo se aproximou de Olímpio para fazer a primeira crítica da temporada: sim, a dança dos caraíbas mansos era bonita, mas eles não viam muita vantagem.

"É uma platéia tão aberta e tão receptiva quanto... sei lá... uma europeia, de festival da *jazz*, superinformada. Aqui, é o contrário: não há nenhum preconceito, nenhuma idéia preestabelecida, eles só querem sentir se o som lhes agrada ou não", comentava um Gismonti emocionado.

Mas, sim, havia idéia preconcebida. Uma tarde, um kalapalo veio perguntar se Egberto ia tocar sanfona. E outro fez um pedido: que tocasse o *Pavão Misterioso*. Que nem tudo era puro no Alto Xingu, já tinha dado para perceber: enquanto Tânia, Gilberto e o resto da equipe montavam a aparelhagem, um rádio lançava *Pega Ladrão*, de Roberto Carlos, de dentro de uma oca. E o próprio Olímpio Serra já dissera que alguns chefes tinham pedido para, além do balé, verem cantores como o próprio Roberto. A fazenda, a fazenda se estendendo mansamente para dentro do Parque.

"E o capitão de vocês?" "Antes nós não conhecia arroz nem macarrão. Antes, nós tinha festa de nosso, nós fazia kuarup e dançava. Fazendeiro quer tirar terra de nosso, dança de nosso. Se fazendeiro chega, nós vai deixar comida de nosso, terra de nosso, dança de nosso. Vai ser triste para nós" (Walakuyawa, cacique waurá).

No alpendre enluarado em frente à casa de Olímpio, os oito caciques ou "capitães" se reuniram, na noite do último dia de festa, 2 de setembro. Eram Karaivá e Melobo, pelos txicao; Tafukuna, pelos kalapalo; Walakuyawa, pelos waurá; Yanuá, pelos matipu; Ayuruá, pelos mehnaku; Takuma, pelos kamayurá; Narru, pelos kuykuro. Além deles, o yawalapiti Kanato e o trumai Ayuravi, do próprio posto, e o txucarramãe Megaron, chefe de um posto da Funai nas proximidades da BR-080. Em torno, os dezenove integrantes do balé, os seis da equipe Trindade, quatro jornalistas e quantos índios — homens, mulheres e crianças — podiam caber. O propósito: avaliar, do ponto de vista dos índios, o que tinha sido a dança caraíba.

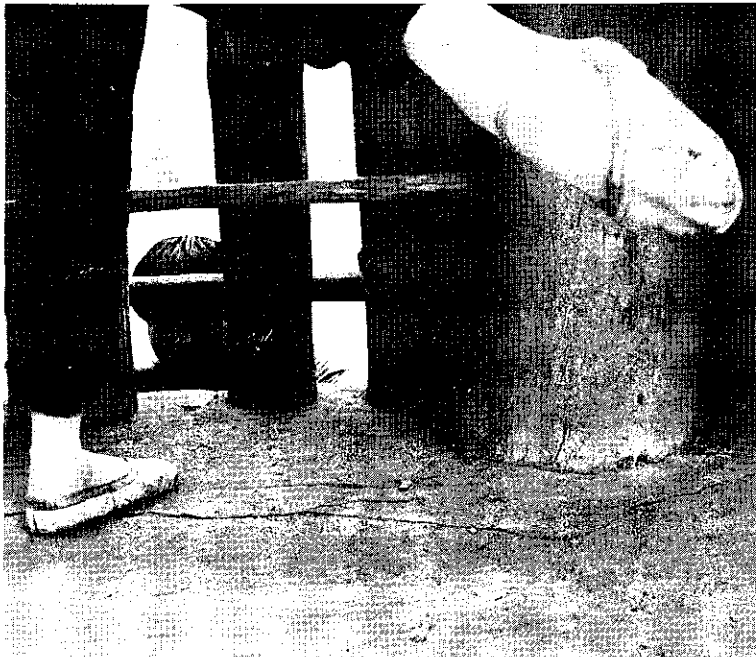
Diante da longa mesa presidida por Olímpio, um a um os "capitães" se ergueram e falaram, em suas próprias

línguas e em português. Falaram que sim, a dança desconhecida dos caraíbas amigos era bonita e muito diferente da dança de sanfona dos peões. Mas era preciso que os caraíbas soubessem que existia uma outra tribo de caraíba, que havia na fazenda, o fazendeiro, e esse "tem raiva de nós", como disse Megaron, "quer entrar aqui e fazer nós passar fome", segundo Walakuyawa.

Melobo, dos txicao — tribo quase extinta com a chegada do homem branco, virtualmente empurrada para dentro do Parque —, subiu na mesa, rosnou em uma língua híbrida a sua indignação e ódio. Seu companheiro Karaivá explicou seu gesto: "Txicao sofre muito. Txicao não sofria antes. Txicao aprendeu sofrimento com caraíba. Txicao nascer antes de caraíba, nascer antes que qualquer outro no Xingu. Agora caraíba vem e toma terra de txicao. Txicao diz que terra é de índio, mas fazendeiro vem e toma. Por que não obedecem capitães de vocês?"

Música caipira. Foram desfiando suas queixas. Sempre com a ressalva: "Todo mundo entendeu que a dança de vocês foi outra dança, foi dança de caraíba amigo. É coisa que a gente nunca viu, nem eu que vou muito a São Paulo", resumiu Walakuyawa. Megaron completou: "Gostei muito e vou contar ao meu povo. Quero que vocês voltem. Mas também queria que vocês dissessem que tem fazendeiro querendo tomar o que é nosso. Eles querem invadir o Parque que o chefe de vocês criou. Como vamos viver? A gente quer viver como índio, com flecha, com urucum, com dança. A gente quer que vocês vão e falam com os outros caraíbas para que eles não deixem a gente acabar".

A festa caraíba estava terminada. Pouco seria dito, depois. Olímpio Trindade Serra fez o último balanço: "Há dez anos não existia fazenda por perto. Hoje, o contato está aí, com todo o processo de deterioração que ameaça a cultura indígena: doenças, alcoolismo, prostituição. Daí o cuidado nosso em esclarecer que essa era uma dança de caraíba manso, de amigos. Para que não fosse confundido com farra de peões. Há também o problema da penetração pelo rádio, pelas emissoras de música caipira, destinadas ao pessoal das fazendas e que têm uma penetração muito forte. Por tudo o que eles disseram você vê que eles identificam o fazendeiro e seu mundo como o grande inimigo, o inimigo único. Mas, na verdade, o fazendeiro está dentro de todo um esquema do qual nós todos fazemos parte, de um modo ou de outro. O fato é que se faz muito pouco pelo índio, hoje, no Brasil".



Os curumins, intrigados: "Como faz para torcer a perna?"

"Essa gente só sabe fazer isso", disseram, "não deve saber fazer roça, nem pescar." Tanto Olímpio quanto Marika ficaram imensamente felizes com o comentário.

"Pega ladrão". Houve, também, um outro espetáculo: sob a imensa lua e o céu estrelado do Planalto Central, iluminado por uma grande fogueira que espantava o frio da noite, Egberto Gismonti improvisou durante duas horas, nas flautas e no violão, para uma platéia de guerreiros, namorados, mães amamentando filhos, curumins. Nos sons graves, a platéia dispersava a atenção. "Parece música de lobisomem", comentou um rapaz kuykuro. Nos agudos, gritos de exclamação, risos. Não fazia diferença o fato de a música ser toda improvisada, toda instrumental.